

GEOGRAFIA E LEITURA DO ESPAÇO: APORTES INTRODUTÓRIOS¹

Virginia Célia Cavalcante de Holanda²

RESUMO

O presente artigo discute o conceito de formação socioespacial, buscando entender a importância do mesmo para compreensão do espaço geográfico. Partimos do pressuposto de que território usado corresponde ao espaço banal definido como um sistema de objetos indissociáveis de sistema de ações. Portanto, é a Geografia uma ciência da ação, pois compreende e explica o presente. Cada ação embute o político e cada objeto é visualmente uma ação, ambos carregados de intencionalidades, gerando evento. O espaço é objeto da Geografia, não podendo ser visto de forma linear ou estanque em si mesmo, com limites preestabelecidos; é instância social, resultado-condição da sociedade, dinâmico e complexo, com materialidades e ações humanas. Quando falamos desse espaço como indissociável, sistema de objetos e sistema de ações, estamos nos referindo a cada lugar e ao mundo, pois em cada lugar coexistem frações desses sistemas, cuja totalidade é o mundo.

Palavras-chave: Lugar. Formação Socioespacial. Território Usado.

ABSTRACT

This article discusses the concept of sociospatial, seeking to understand the importance of the same for the comprehension of geographical space. Assuming that territory is the space used as a banal space, it's defined like a system of indissolvable objects of a system of actions. So, the geography is a science of action, it understands and explains this. Each action embeds the policy and each object is visually an action, both loaded intentionalities, generating event. The space is the object of geography, It can't be seen in a linear form or that it's stagnant in itself, with predetermined threshold, it is social instance, result-condition of society, dynamic and complex, with materiality and human actions. When we speak of space as indissolvable; system of objects and system of actions, we are referring to each place and the world, because in each place, coexist fractions of these systems, which totality is the world. Keywords: place. sociospatial. territory used.

Para a Geografia se compor como ciência capaz de interpretar a realidade em curso, ou seja, com respaldo para produzir um conhecimento que explique as mudanças no espaço geográfico, é necessária a construção de um quadro de referência com coerência teórico-metodológica,

¹ Artigo resultante das leituras que estamos realizando para o desenvolvimento da pesquisa intitulada: Mutações socioeconômicas e dinâmicas urbanas: um estudo das cidades médias cearenses, financiada pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP.

² Doutora em Geografia Humana pela USP. Professora adjunta do curso de Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú-UVA. Bolsista Produtividade Interior da FUNCAP. Coordenadora do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais-NEURB no curso de Geografia da UVA.

tornada possível através da escolha das categorias certas para a reflexão da realidade que se quer estudar, a Geografia, como filosofia das técnicas³, uma ciência do presente.

Partimos do pressuposto de que território usado⁴ corresponde ao espaço banal definido como um sistema de objetos indissociáveis de sistema de ações. Portanto, é a Geografia uma ciência da ação, pois compreende e explica o presente. Cada ação embute o político e cada objeto é visualmente uma ação, ambos carregados de intencionalidades, gerando evento⁵.

O espaço é objeto da Geografia, não podendo ser visto de forma linear ou estanque em si mesmo, com limites preestabelecidos; é instância social, resultado-condição da sociedade, dinâmico e complexo, com materialidades e ações humanas. Quando falamos desse espaço como indissociável, sistema de objetos e sistema de ações, estamos nos referindo a cada lugar e ao mundo, pois em cada lugar coexistem frações desses sistemas, cuja totalidade é o mundo.

O espaço geográfico é objeto de estudo da ciência geográfica e, portanto, sendo de fato entendido por meio de categorias, conceitos e definições fundamentados em referenciais teóricos e também pela empiria, enquanto base de representação da realidade, mudando num lapso de tempo.

A velocidade com que se transforma o mundo neste início de século se traduz no espaço geográfico, ou seja, no uso do território, impondo necessidades de formulações, de questionamentos, redefinições de conceitos e a elaboração de novos paradigmas que possam constituir instrumentos de análises das transformações em curso.

No campo do conhecimento das ciências humanas, a Geografia tem se destacado nessa busca, como coloca Lacoste (2004) acerca do conhecimento geográfico. A produção geográfica, sob a égide da globalização, é fundamental, pois há o entendimento da dimensão espacial e, especificamente, geográfica. Assim, como muitos geógrafos, o autor compreende que a geografia tem como premissa básica “saber pensar o espaço em sua complexidade”.

Santos (1996) discute, com muita clareza e propriedade, três pontos profundos das transformações presentes na nova ordem do mundo imposta pela racionalidade do mercado: convergência dos momentos, unicidade técnica e produção da mais valia mundial. Mas para dar conta da compreensão do espaço geográfico, propõe a construção de uma metadisciplina. Essa proposta foi maturada na sua vasta obra e aparece em livros, tais como: “Por uma geografia nova” (1978); “O espaço dividido” (1979); “Espaço e método” (1985); e a “Natureza do espaço” (1996), “Por uma outra globalização” (2000) e Território e sociedade: entrevista com Milton Santos (2005). A metadisciplina parte da necessidade de construir o objeto de uma ciência, apresentando-se como parcela autônoma, mas considerando a interdependência entre os saberes;

A metadisciplina e, também, um resultado da globalização. Já existia antes, mas hoje se dá mais claramente. [...] é a vontade de filosofar nas disciplinas particulares. [...] é a filosofia particular a cada disciplina que lhe permite filosofar com as outras. (SANTOS, 2005, p. 50).

O grande desafio para o geógrafo é o de separar da realidade total num campo particular passível de ser autônomo e que, ao mesmo tempo, permaneça integrado à realidade total. Postura possível pela necessidade da construção de uma visão totalizante do mundo a partir da especiali-

³ SANTOS, 1994 p. 64, no livro: *Técnica, espaço, tempo globalização e meio técnico-científico informacional*, analisa que “O estudo das técnicas ultrapassa, [...] largamente, o dado puramente técnico e exige uma incursão bem mais profunda na área das próprias relações sociais.[...]. Para que a Geografia possa aspirar ao seu reconhecimento como filosofia das técnicas, deve levar em considerações as implicações de fatos como esses, aplicando-lhes, como em qualquer outro esforço de natureza filosófica, um sistema de referência cuja base fundamental é a interpretação global do mundo e, por seu intermédio, a interpretação de cada um dos seus aspectos ou partes”.

⁴ Reconhecemos que território usado é categoria de análise social, instância social, e a política outra instância social, embora possam ser tratados como correspondentes, constituem campos disciplinares diferentes.

⁵ C. DIANO (1994, p. 66) “É um instante do tempo dando-se em um ponto do espaço, [...] Não há evento sem sujeito”. SANTOS (1996) nos fala de evento da seguinte forma: “Toda teoria da ação é também teoria do evento, e vice-versa. Essa assimilação da ideia de evento e da ideia de ação é fundamental para a construção de uma teoria geográfica”.

zação do saber que é a Geografia. SANTOS (1996) continua sua reflexão e aponta a possibilidade de construção de uma teoria menor, que seria a *metageografia*, edificada por um conjunto de conceitos como suporte à interpretação geográfica. Acredita que os conceitos, por definição, devem ser internos e de suma importância para o sucesso de qualquer campo disciplinar.

Outro importante geógrafo, Isnard (1979), em seu livro “O espaço geográfico”, oferece pistas para os estudos de uma Geografia do presente. Ele propõe a análise da crescente aproximação entre mercado e território, criando o conceito de *espaço alienado* que, na realidade, funciona como um enriquecimento do conceito de *paisagem derivada*, surgido em Sorre (1961). Mas enquanto este último tinha na força da história o resultado da exploração dos países subdesenvolvidos, ou seja, uma cultura dominante mudando a paisagem dos países colonizados, Isnard vislumbra a alienação, expressão trabalhada por Marx (1890, p.491), como uma das chaves para a compreensão do *espaço alienado*, instrumento mais incisivo para se pensar a força do poder exógeno em relação aos lugares. A alienação se vê reforçada e ampliada, visto que estamos diante de uma nova divisão do trabalho nos territórios periféricos, com constante ampliação dessa alienação.

Espaços alienados são regiões que devem ao exterior não só a sua criação e a sua integração no mercado mundial mas ainda a sobrevivência da sua organização, enfim regiões cuja população indígena jamais controla e que até os próprios poderes públicos dificilmente controlam. (ISNARD, 1979, p. 55)

Antes de Isnard, Santos (1971) analisou também o conceito de *paisagem derivada* de Sorre, propondo o conceito de *espaço derivado*, já que a ideia de paisagem está muito ligada à forma, enquanto o espaço, como instância social que é, **trata da forma, função, processo e estrutura**. O termo *derivado* permanece com um sentido muito mais amplo do que uma dominação nos limites do histórico-cultural. No *espaço derivado*, os princípios de organização devem-se muito mais a uma vontade longínqua do que aos impulsos ou organizações simplesmente locais.

Mais recentemente, Cataia (2001, p.221) apresenta o conceito de *território alienado*, utilizado para se referir aos municípios que preparam seu território com sistema de engenharia e normas para atraírem novos investidores, tornando-se, assim, crescentes devedores sociais e submissos às políticas empresariais que chegam. A conjugação das definições de Cataia e Santos é considerada em nossa pesquisa, pois esses territórios são derivados das forças centrífugas e alienados pela forma precária de inserção.

Ainda sobre a importância da leitura do mundo atual pela Geografia, Harvey (2004), em “Espaços de esperança”, ao discutir a globalização na sua atual fase, vê nela a solução para a crise do capitalismo, facilitadora da velocidade no processo de acumulação do capital, possibilitando outros caminhos para a acumulação em uma etapa superior, requerendo para isso uma crescente organização geográfica do espaço. Dito de outra maneira, do ponto de vista do capital, o espaço não perdeu sua importância – novos conteúdos são incorporados a ele dentro do processo de acumulação, e esses conteúdos não podem escapar à análise geográfica.

Embora num rápido percurso perceba-se como a Geografia precisa ficar atenta às novas configurações do território, no atual sistema temporal, pois muito mais do que em tempos pretéritos, o capitalismo precisa regular o uso do território. Dessa forma, a globalização, como uma das faces desse momento atual, se viabiliza pelo uso diferenciado do território em nível mundial, ocorrendo a intensificação das relações socioespaciais (econômicas, sociais, culturais) no plano internacional.

Nesse processo de mudanças, necessita-se da construção de uma visão de mundo e de sua compreensão para embasar a prática, convite ao método dialético, com a produção de um conhecimento social crítico. No nosso caso, a construção de um conhecimento geográfico elaborado pela Geografia do presente.

Formação socioespacial e lugar

Uma reflexão sobre a formação socioespacial é vista aqui como essencial para a compreensão de uma teoria do espaço na Geografia e, conseqüentemente, das questões relativas ao

uso do território. Até os anos 1970, o espaço geográfico estava muito ligado à ideia de natureza *in natura*, visão disseminada na Geografia e nas outras ciências humanas. Assim não se via o espaço como categoria importante para compreensão da sociedade, nem como instância social.

Com a discussão da Geografia Nova, pensada inicialmente por Santos (1978), amplia-se o campo teórico da Geografia. Ele insere o conceito de *formação socioespacial* nos estudos geográficos, visto este conceito como pressuposto do método.

Metodologicamente o referido conceito revela a relação entre o geral e o particular como fundamento da análise da realidade socioespacial, pois até então, nas ciências humanas e na própria Geografia, a sociedade era estudada dissociada do espaço. Entretanto, com a Geografia Nova, o espaço começa a ser visto como inseparável epistemológica e metodologicamente da análise social, pois "História não se escreve fora do espaço e não há sociedade aespacial. O espaço, ele mesmo, é social." (SANTOS, 1982, p.10).

Historicamente esqueceu-se que o modo de produção capitalista pode se submeter às ações próprias dos lugares, onde as formações socioespaciais se constroem dentro de um processo, com configurações territoriais específicas, manifestando totalidades espaciais concretas:

A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem pois uma existência própria, mas sua existência social, isto é, sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais. (SANTOS, 1996 p. 51)

Quando Santos (1977, p. 81) traz dos estudos marxistas a discussão sobre a formação socioeconômica, é por considerá-la a mais significativa para auxiliar a construção de uma teoria válida do espaço. A valorização dessa categoria marxista está ligada a sua importância, pois refere-se às particularidades historicamente construídas em dadas sociedades, resultantes das ações de forças exógenas e endógenas ou da divisão territorial do trabalho:

Para Marx as formas de urbanização capitalista são antes de tudo, fundamentalmente, formas de divisão (territorial) do trabalho, elas estão no centro da contradição atual entre novas exigências do progresso técnico, essencialmente em matéria de formação ampliada das forças produtivas humanas e as leis de acumulação do capital. (LOJKINE, 1997. p. 143)

O conceito de formação socioespacial possibilita o conhecimento da territorialidade e da identidade da região, mostra ainda a importância das relações entre modo de produção e sua espacialidade, as particularidades dos lugares. Não existe formação econômica e social descolada do espaço: modo de produção, formação social e espaço – essas três categorias são interdependentes.

O modo de produção seria um “gênero” cujas formações sociais seriam as “espécies”; o modo de produção seria apenas uma possibilidade de realização e somente a formação econômica e social seria a possibilidade realizada (SANTOS, 2005, p. 27).

Percebemos então que o processo social e o modo de produção são vazios de conteúdos históricos concretos. Suas existências somente ocorrem através da formação econômica social. É ela quem oferece elementos para a compreensão da relação entre o geral e o particular no espaço. E quando falamos de formação socioespacial, aí está a base para a compreensão do todo, constituído pela política, ideologia, economia, cultura, que são elementos para uma *análise* dentro de um processo de reconstrução da totalidade; as partes apenas se compreendem em sua totalidade, ou seja, pela elaboração da *síntese*.

O *processo social* mostra o conhecimento da sociedade de forma genérica, o *modo de produção* possibilita o conhecimento de processos realizados ou não, já a *formação econômica e social* oferece o movimento de concreção do modo de produção, sendo que este é visto como totalidade, e

realizando-se de forma histórica e espacialmente configurando arranjos específicos que na Geografia são chamados de lugares.

A formação econômica e social é um dos elementos básicos para a produção da vida material de toda a sociedade, mas as transformações são processadas no espaço *via trabalho*; falar então de *formação econômica e social* é falar de espaço, é falar de trabalho, *ação*. Nasce desta reflexão a gênese da *formação socioespacial*. (SANTOS, 1978)

As categorias espaço e tempo tradicionalmente são discutidas de forma estanque, o espaço como inerte ou como palco e o tempo como símbolo do irreversível, mas a formação econômica e social pode mostrar o processo de formação das configurações territoriais em dados lugares e tempo, forma e conteúdo, ou seja, no que consiste a realidade socioespacial. Assim, a formação socioespacial apresenta uma composição de estrutura produtiva e de estrutura técnica ou sistemas de objetos com arranjos espaciais próprios.

Os conceitos de formação econômica e formação social, quando trabalhados de forma isolada, acabam revelando uma orientação meramente econômica da análise do social existente, ficando muito centrados na questão da produção e do Estado. A aplicação teórica do conceito acaba sendo reduzida, quando não se admite a importância da dimensão espacial. De maneira abreviada, podemos ainda afirmar que a formação socioespacial pode ser o modo de produção territorializado, a sociedade e seu espaço, como analisa Corrêa (1995 p. 26):

O mérito do conceito de formação socioespacial, ou simplesmente FSE, reside no fato de se explicitar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade.

Assim, o espaço geográfico é sinônimo de território usado⁶, mas enquanto território usado, nele se entrevê “tanto o resultado do processo histórico quanto a base material e social das novas ações humanas.” (SANTOS *et al*, 2000).

Durante muito tempo, a leitura marxista deixou de lado o conceito de formação econômica e social. Santos retoma e desencadeia um debate ao entender as formações socioespaciais como constituição que deverá ser entendida a partir das configurações particulares. São essas configurações que respondem pela especificidade dos movimentos de reprodução social mais geral, pois nela se materializam as relações sociais capitalistas conforme determinações próprias dos lugares onde a formação social nacional trabalha, como mediação entre o mundo e o lugar.

Essa discussão, na nova concepção de Geografia, reformula teórica e metodologicamente a pesquisa geográfica. Contribui, ainda, para que as outras ciências reconheçam algumas categorias geográficas como categorias externas importantes nas suas pesquisas. Cria um diálogo interdisciplinar rico e com possibilidades para a compreensão do mundo periférico com outro olhar, preocupação que se manifesta entre pensadores, como Galeano (1985) e Santos (1996):

[...] Continuamos a analisar os processos de transformação social do fim do século XX com recursos e quadros conceituais desenvolvidos no século XIX e adequados aos processos sociais então em curso. Em segundo lugar, o Estado-Nação continua a predominar enquanto unidade de análise e suporte lógico de investigação, o que nos impede de captar cientificamente a lógica própria e a autonomia crescente, quer das estruturas e dos processos locais típicos de unidades de análise menores (a lógica infra-estatal), quer dos movimentos globais, ao nível do sistema mundial (a lógica supra-estatal). Em terceiro lugar, e apesar dos espaços teóricos inovadores das últimas décadas, a teoria sociológica continua a ser basicamente derivada das experiências sociais das sociedades centrais e, nessa medida, pouco adequada à análise comparada e inclinada a suscitar generalizações espúrias. Pode mesmo dizer-se que, quanto mais geral é a teoria sociológica, maior é a probabilidade de ser baseada na experiência social e his-

⁶ Compreendemos que o território só existe quando usado, praticado.

tórica dos países centrais e enviesada a favor destes últimos. (SANTOS, 1996, p. 116).

A nosso ver, essa categoria oferece as trilhas para a interpretação das dimensões do presente existentes nos territórios de diferentes escalas, dentro da formação social-espacial brasileira. Ao fazermos uma análise da forma-conteúdo, buscamos a totalidade e seus respectivos sistemas de objetos e ações; o que esses espaços seletivos reproduzem da ordem internacional, interrogando sobre o significado das modernizações.

O arcabouço que considera uma ordem global e uma ordem local e, assim, fornece-nos os instrumentos conceituais para empreender o estudo do lugar e do mundo, com a necessária mediação da formação sócio espacial (sic). É também um enfoque da totalidade em movimento, do processo de totalização. É assim que surpreendemos a funcionalização dos eventos, cuja estrutura nos revela a constituição do território. (SILVEIRA, 2000, p. 26).

Ao analisarmos, em conjunto, os reflexos do atual momento da globalização econômica, torna-se necessário, como para tantas outras discussões, a consideração do período atual como um período histórico com as três unicidades, constitutivas do período técnico científico informacional que já mencionamos na discussão sobre a Geografia e a leitura do espaço: unicidade das técnicas – convergência dos momentos – mais valia mundial. (SANTOS, 1996).

No seu interior, a formação socioespacial brasileira revela fragmentação e articulação, devido à aceleração desigual dos tempos nos seus subespaços, tomados como manifestações existentes por meio da (re)funcionalização do processo de globalização. A relação lugar-mundo apresenta ações que constituem arranjos contínuos ou descontínuos pelas horizontalidades e verticalidades. Entendam-se horizontalidades como solidariedade orgânica característica das ações regionais e, “contraditoriamente”, solidariedade organizacional, caracterizada pela racionalidade imposta que nasce distante, impingindo normas e formas. Dessa maneira, a utilização dos lugares pelas empresas depende desses dois dados, “normas e formas”, como um conjunto indissociável. (SANTOS, 1996).

Uma palavra a mais sobre o lugar

O conceito de lugar, na história do pensamento geográfico, remonta aos estudos de R. Hartshorne, na primeira metade do século XX, nos seus estudos sintetizados dentro da denominada Geografia Idiográfica, permeado pelos elementos que constituem as diferenciações das áreas, estando o lugar ligado à ideia de singularidade.

Mas, durante muito tempo, a abordagem do lugar foi quase abandonada, reaparecendo como conceito central na Geografia Humanista de bases fenomenológicas na década de 1970. Um de seus representantes, Yu-Fu-Tuan, incorpora ao conceito de lugar as questões dos laços de afetividade e dos sentimentos das pessoas em relação ao meio em que vivem. Nesse mesmo momento, Anne Buttimer recorre a Heidegger, por meio da noção de habitar, para inserir questões filosóficas ao conceito de lugar. Com o movimento mais amplo de renovação da Geografia, surgiram distintas abordagens acerca do lugar, das quais não nos ocuparemos aqui.

No entanto, parece-nos válido esclarecer nossa compreensão desse conceito. Em nosso quadro de referência teórica, essa compreensão se apóia nas análises de Santos (1996, 2005), de onde extraímos o pressuposto de que só é possível o desvendamento do conceito de lugar atrelando-o a outros, tais como: *formação socioespacial*, *coexistência*, espaço de resistência, etc.;

Essa necessidade advém da clareza de que o lugar “é o espaço do acontecer solidário”, (SANTOS, 1996) ou seja, não delimitável, possuindo uma existência corporativa e relacional. Subespaço que se qualifica pelas ações que ele mesmo vai abrigando, pelo seu papel no processo das mediações, como oportunidade e possibilidade, nos oferecendo suporte para apreender o uso do território.

Com a aceleração contemporânea, os eventos se multiplicam nos lugares, gerando simultaneamente homogeneização e diferenciação. Afinal o lugar responde ao mundo de acordo com suas possibilidades, o lugar responde ao tempo como possibilidade, diz respeito à possibilidade e cria novas possibilidades;

No lugar, se superpõe, dialeticamente, o eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e de tempo. (SANTOS, 1996, p. 258).

O lugar nessa perspectiva não pode ser delimitado, em parte, devido à efemerização dos eventos e, quando se delimita, perde-se o lugar, não sendo ente federado, é ativo, copresença e coexistência. Não é normatizado, muito embora as normas se apresentem. O lugar as supera.

Todavia, para a sua captação, se faz imperativo conhecer o território usado através de sua formação socioespacial. Então, deparamo-nos com o lugar e com os usos diferenciados do território.

REFERÊNCIAS

CATAIA, Márcio. **Território nacional e fronteiras internas** - A fragmentação do Território Brasileiro. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia da FFLCH, USP. São Paulo. 2001.

_____. A Alienação do território – O papel da Guerra fiscal no Uso, Organização e Regulação do Território Brasileiro. In: SOUZA, M. A. de. (org.) **Território Brasileiro: usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003. p. 397-407.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1999.

CHRISTALLER, Walter. **Central places in Southern Germany**. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1966 (Original de 1933).

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. São Paulo: Ática, 1989.

_____. Corporação e Espaço – Uma Nota. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, v. 53, n.1, p. 137-145, jan. / mar. 1991.

_____. **A rede urbana**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: In: CASTRO, Iná Elias de et al. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995

_____. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

DIANO, C. **Forme et événement, principes pour une interpretation du monde gree**. Paris: Éditions de l'Eclair. 1994.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. São Paulo: Paz e Terra. 1985.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 1987.

ISNARD, Hildebert. **O Espaço geográfico**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.

HOLANDA, Virginia C. C. de. **Modernizações e Espaços seletivos no Nordeste Brasileiro. Sobral: conexão lugar/mundo.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, FFLCH, USP. São Paulo. 2007.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto.** São Paulo: Paz e Terra, 1976.

LACOSTE, Yves. **Os Países subdesenvolvidos.** São Paulo: DIFEL, 1968

_____. **A Geografia serve, antes de mais nada, para fazer a guerra.** Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1977.

_____. **Entrevista à Folha do Centro Acadêmico de Geografia da Universidade Federal de Goiânia.** 1º semestre de 2004

LECHNER, Norbert. Modernidade e modernização são compatíveis? **Revista Lua Nova.** São Paulo: CEDEC, 1990.

LENCIONE, Sandra. **Reestruturação urbano-industrial: centralização do capital e desconcentração da metrópole de São Paulo, a indústria têxtil.** 1991. 297 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, FFLCH, USP. São Paulo. 1991.

LIPIETZ, Alain. **O capital e seu espaço.** São Paulo: Nobel, 1988.

LOJKINE, J. **O Estado capitalista e a questão urbana.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MARX, Karl. **O Capital – crítica da economia política.** São Paulo: Nova Cultural, 1985. (coleção “Os Economistas”)

_____. **Elegia para uma re(li)gião - Sudene, Nordeste, planejamento e conflito de classes.** 6. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PERROUX. F. **L'Économie du XXème siècle.** Paris : Presses Universitaires de France, 1961.

SARTRE, Jean Paul. **Questão de método.** Rio de Janeiro: Difel, 1996.

SANTOS, Boa Ventura de Souza. **Pela mão de Alice.** São Paulo: Cortez, 1996.

SANTOS, Milton. **Les villes du tiers monde.** Paris: Genin-Lib. Techniques, 1971.

_____. **Espaço dividido.** São Paulo: Francisco Alves, 1979 [e Editora da Universidade de São Paulo-Edusp 2004].

_____. **O trabalho do geógrafo no terceiro mundo.** São Paulo: Hucitec, 1978.

_____. **Espaço & Método.** São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **O espaço do cidadão.** São Paulo: Nobel, 1987.

_____. **Técnica, espaço e tempo. Globalização e meio técnico-científico informacional.** São Paulo: Hucitec, 1994c.

_____. **Por uma economia política da cidade.** São Paulo: Hucitec, 1994b.

- _____. **A urbanização brasileira.** São Paulo: Hucitec, 1994a.
- _____. **Metamorfose do espaço habitado.** São Paulo: Hucitec, 1994.
- _____. O retorno do território. In SILVEIRA, Maria Laura. de et al. (orgs.) **Território, globalização e fragmentação.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- _____. **A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996
- _____. **Técnica, espaço, tempo, globalização e meio técnico-científico-informacional.** 4. edição. São Paulo: Hucitec, 1997.
- _____. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **Por uma Geografia nova. Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica.** São Paulo: EDUSP, 2002 [1971b].
- _____. **Da totalidade ao lugar.** São Paulo. EDUSP. 2005.
- SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil. Território e sociedade no início do século XXI.** Rio de Janeiro: Record, 2001.
- SANTOS, Milton et al. **O papel ativo da Geografia: um manifesto.** In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 12., 2000, Florianópolis, **anais...** Florianópolis, 2000.b
- SERENI, E. De Marx a Lênin: la categoria de formazione economico-social. **Quaderni Critica Marxista**, n. 4, p.29-79. Roma, 1970
- SINGER, Paul. **Economia política da urbanização.** São Paulo: Brasiliense, 1977.
- SILVEIRA, Maria Laura. **Um país, uma região: fim de século e modernidades na Argentina.** São Paulo: FAPESP. 1999.
- _____. A Região e a Invenção da Viabilidade do Território. In: SOUZA, M. A. de. (org.) **Território Brasileiro: usos e abusos.** Campinas: Territorial, 2003, p. 534-547.
- _____. Por um conteúdo da reflexão epistemológica da Geografia. In SOUZA, Álvaro José de. et al. (Orgs.). **Paisagem Território Região em Busca da Identidade.** Cascavel (PR): AGB/Bauru. Editora Gráfica Universitária EDUNIOESTE, 2000.
- _____. São Paulo: Os dinamismos da Pobreza. In: CARLOS, Ana Fani; OLIVEIRA, Arioaldo U. (Orgs.). **As geografias de São Paulo.** São Paulo: Contexto. 2004, v. 1, p. 59-71
- _____. Globalización y circuitos de la economía urbana em cidades brasilenas. Caracas. **Cuadernos del Cendes**, año 21, v.3, n. 57, p. 1-21, 2004.
- SOJA, Edward. **Geografias pós-modernas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- SORRE, M. **L'Homme sur la terre.** Paris: Corriger, 1961.
- RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.

THIOLLENT, Michel. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TUAN, Yu-fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Rio de Janeiro: DIFEL, 1980.

_____. **Espaço & Lugar**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1983.